
TEOLOGIA E CIÊNCIA: DIÁLOGOS ACADÊMICOS EM BUSCA DO SABER

Afonso Maria Ligório Soares; João Décio Passos (Orgs.)

São Paulo: Educ/Paulinas, 2008, 338 p. – ISBN 978853562287

As relações entre ciência e teologia sempre foram muito complicadas. Com o advento da modernidade, esses dois pólos do saber e fazer humanos passaram a ser entendidos como opostos e quase sempre inconciliáveis. A proposta desse volume dedicado ao tema das relações possíveis entre teologia e ciência não é a de defender a possibilidade de se estabelecer uma relação tranqüila e pacífica entre estas, mas a de apontar a propriedade e necessidade de diálogo e contribuição mútua. A perspectiva apresentada no livro talvez possa ser resumida pela seguinte passagem da Introdução, redigida pelos organizadores, Afonso Maria Ligório Soares e João Décio Passos:

Não se postula, evidentemente, uma relação harmônica entre teologia e ciência; ao contrário, trata-se de um diálogo crítico entre as áreas. Se a ciência pode oferecer à teologia elementos sobre a lógica interna de seus objetos, a teologia está apta a contribuir com a reflexão sobre os pressupostos e finalidades inerentes, explícitos ou não, do fazer científico (p. 10).

A seguir, advertem: “para que se possa concretizar qualquer diálogo entre as áreas de conhecimento, a verdade deverá ser encarada como ponto de chegada, e não como ponto de partida”. A verdade, como busca incessante e objetivo final a ser atingido por ambas as áreas, aproxima-as a partir do momento em que estas se distanciam do dogmatismo epistemológico e da pretensão de já tê-la atingido.

Este volume segue o ciclo de debates ocorrido ao longo do segundo semestre de 2007 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e foi organizado em cinco partes ou seções. A primeira seção dedica-se à dialética histórica entre ciência e tecnologia. Abre essa seção um texto de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento sobre “O entendimento da fé segundo santo Agostinho e o caráter científico da Sagrada Doutrina segundo Santo Tomás de Aquino”. Nesse texto é abordada a célebre questão agostiniana sobre crer e compreender, exposta da seguinte maneira:

A fé não elimina a inteligência, não despreza a razão, não arruína o pensamento. De um lado, a aquisição da fé supõe um exercício da razão, nem que seja somente para mostrar que se deve crer e que aquilo em que se crê não é absurdo. Para crer, é preciso de algum modo, entender. De outro lado, o que é crido, não é de modo nenhum para Agostinho o impenetrável, o ininteligível, o inassimilável. É preciso crer para entender (p.28-9).

O estudo passa pela elaboração medieval acerca do tema e chega ao pensamento de São Tomás de Aquino. Este, “atribui à doutrina cristã, a sagrada doutrina, o caráter de ciência” (p.31). Para tanto, Carlos Arthur R. Nascimento analisa os argumentos de S. Tomás, especialmente os apresentados no artigo 2 da primeira questão da primeira parte da *Suma de Teologia*, no qual indaga se a doutrina sagrada é uma ciência. Distinguindo dois tipos de ciência, conclui que, no sentido das ciências que procedem de princípios conhecidos pela luz de uma ciência superior, o conhecimento das coisas divinas é ciência. Tomás transfere assim para a sagrada doutrina o elemento presente nas ciências intermediárias, que “é a recepção dos princípios de uma ciência superior” (p. 41).

O segundo capítulo, de autoria de José Luiz Goldfarb e Anna Maria Alfonso Goldfarb, trata dos conflitos e harmonia entre ciência e religião, a partir dos casos de Galileu e Isaac

Newton. No caso de Galileu, os autores expõem a raiz de seu conflito com a Igreja da seguinte maneira:

De um lado, os interlocutores da Igreja perceberiam a ciência como instrumento de utilidade prática, mas sem valor essencial em termos de conhecimento verdadeiro, e a teologia como o caminho efetivo para conhecer verdadeiramente a natureza a partir da revelação divina das escrituras. Do outro lado, encontraríamos em Galileu, uma inversão destes argumentos (p. 47).

Em relação a Newton, o texto aborda a utilização do termo hebraico *Makom* em seus estudos sobre o espaço. Esse termo seria fundamental no desenvolvimento por Newton de um conceito de espaço “muito distinto e até oposto àquele que está sendo forjado por Descartes com sua *Res Extensa*”. Os autores concluem que “para além da mera harmonização entre ciência e religião feita na Inglaterra de sua época, Newton procurou em profundidade, através de estudos cabalísticos, herméticos e teológicos, uma base mais firme e antiga para conceber os caminhos de Deus na natureza” (p. 59).

O último texto dessa seção, escrito por Eduardo Rodrigues da Cruz, é intitulado “Diálogos e construções mútuas: Igreja Católica e Teoria da Evolução”. Nesse capítulo, o autor apresenta a situação prévia de

aceitação, por parte da Igreja Católica, das teorias científicas no século XIX, a partir dos “dados da física, da astronomia, da química, da zoologia e da botânica”, e a reação ao advento da teoria darwinista. Frisa a questão de como a teoria da evolução foi tratada quase como um capítulo à parte, uma vez que, durante o papado de Pio XI, a Igreja passa a imagem de “amiga das ciências”, “mas o conservadorismo da maioria das posturas em relação à teoria da evolução ainda permanece” (p. 75). Nesse texto, refere-se também ao pensamento de Teilhard de Chardin, ressaltando o tratamento conferido pela Igreja às suas idéias vitalistas. O autor conclui apontando que:

De qualquer forma, há uma mudança mais sutil em décadas recentes: a que sai de uma apologética, na qual se procura harmonizar os dados da ciência com aqueles das escrituras, dos padres e do magistério, para uma teologia natural renovada e uma teologia da natureza, inclusive com preocupações ecológicas (p. 80).

A segunda seção do livro dedica-se à questão interdisciplinar. O primeiro artigo, de Ubiratan D’Ambrosio, intitulado “Teologia e interdisciplinaridade”, apresenta os primeiros passos em direção à colaboração entre disciplinas estanques e à superação de sua divisão, passando pelas propostas da multidisci-

plinaridade, da interdisciplinaridade em direção à transdisciplinaridade. Esta, a seu ver, “é um programa de pesquisa que focaliza, de forma dinâmica e integrada, sistemas variados de conhecimento [...] e visa à superação de qualquer fundamentalismo e pretensão de certeza” (p. 93). Para D’Ambrosio, ciência e teologia compartilham a questão maior com a qual se defrontam, que é a origem primeira (p. 95); o problema é que ambas são arrogantes nas suas posturas disciplinares e facilmente deslizam para o fundamentalismo (p.98).

No segundo texto, “Interdisciplinaridade na Teologia”, Afonso Maria Ligorio Soares afirma que “se ninguém mais se colocasse o problema da interdisciplinaridade e da desejável interdisciplinaridade do saber, a teologia o faria” (p. 101). O autor chama a atenção para a construção histórica interdisciplinar do logos teológico, sua presença nas universidades, e também para a necessidade de re-incorporação atual deste saber teológico nos meios acadêmicos. Isso porque, a seu ver, a fala do teólogo é crítica, humilde, inculturada e funcionaria como uma espécie de *ombudsman* humanitário (p. 112). João Décio Passos nos brinda com o texto seguinte, sobre os diálogos implícitos e explícitos entre teologia e ciências. Segundo afirma, a teologia é não só

um sistema interpretativo da realidade, mas também “portadora de um acúmulo histórico de significados e metodologias que a habilita a conversar com os paradigmas de conhecimento clássico e moderno” (p. 115). Nesse sentido é possível discutir os caminhos da interdisciplinaridade no âmbito da teologia.

Na terceira seção, dedicada a Diálogos Interdisciplinares, Lucia Santaella discute, a partir das idéias de Peirce, a questão: a ciência precisa da religião? A seguir, Frei Carlos Josaphat aborda a questão recíproca no texto “A teologia precisa de ciência? Transcendência, ciência e sabedoria na cultura de ontem e de hoje”. Nesse texto, parte do princípio de que, durante a Idade Média, a teologia penetra nas universidades e “fraterniza imediatamente com a filosofia”; e completa: “A teologia, em seu paradigma ocidental, que tem em Tomás de Aquino seu modelo eminente, surge em sincronia e em sintonia com a universidade, instituição que reconhecia e acolhia o estudo como função social e lhe dava pleno direito de cidadania” (p.153-154). Vale ressaltar que, historicamente, estas afirmações são bastante questionáveis.

Dessa seção, merece especial destaque o último texto, de Eduardo Rodrigues da Cruz, intitulado “Cientistas como teólogos e teólogos

como cientistas”, no qual se propõe a apresentar as relações entre ciência e religião, no âmbito da *nova* ciência do século XX e seus desdobramentos no século XXI. A partir da *nova física*, “uma nova noção de universo surge nesta época, distante do universo a-histórico e cognoscível de Laplace, baseado na mecânica de Newton” (p.178). Com as novas descobertas e teorias científicas, observa-se um deslocamento do “debate em torno das questões cosmológicas [que] é agora capitaneado pelos físicos na arena pública: de onde viemos? Por que viemos? Para onde vamos? Como nos comportar? Qual nosso destino último?” (p. 179). Do mesmo modo, cita como a discussão acerca da existência ou não de Deus passou a ser tema dos pesquisadores da área da biologia evolutiva e de como alguns destes cientistas chegam a propor a ciência como uma nova base para a ética. Na área de ciências da computação haveria também movimentos pseudo-teológicos (termo nosso), caracterizados pelo pensamento de alguns novos “gurus” da área, dos quais merece destaque especial o *movimento transhumanista*. Eduardo Cruz conclui a primeira parte de seu artigo sublinhando que “há nisso tudo uma ponta de ironia: do seio mesmo do triunfo científico-tecnológico, ocidental, secularizador e anti-clerical,

assiste-se à emergência de poderosos sistemas míticos e suas respectivas religiões e “sacerdotes” (p. 191). Na segunda parte do texto ele aborda o olhar dos teólogos sobre a nova ciência e seus métodos ou, conforme diz, procura ver “como os teólogos se apropriam desses discursos metacientíficos” (p.201).

A quarta parte do livro intitula-se “Teologia e ciências: desafios e conquistas”. Pedro Lima Vasconcelos inaugura a seção com o texto “Teologia e ciências: o caso da exegese bíblica”, no qual discute os problemas suscitados, especialmente a partir do século XVI, pela tentativa de estabelecimento do que teria sido o texto bíblico original. Julio Boschini Filho apresenta o texto “Implicações Interdisciplinares da evolução do conhecimento genético”. O texto “Debate: teologia, ciência e interdisciplinaridade”, de Marta Wey discute as questões éticas envolvidas na pesquisa em biotecnologia. Edelcio Ottaviani, em “Validade e viabilidade da lei natural como mediação contemporânea no diálogo entre ciência e teologia”, aponta a *desordem moral* referida por Valadier e discute a aplicação do paradigma da lei natural como modelo viável para ética em pesquisa, a partir de sua aceitação pelo pensamento religioso.

Na quinta e última seção do livro, “Práticas e Perspectivas”, o teólo-

go Francisco Catão discute a presença da teologia nas universidades frente à “laicidade” do saber atual e quais critérios deveriam reger esta presença. Sua discussão encontra pertinência justamente na dificuldade encontrada no mundo acadêmico moderno em reconhecer a teologia e a religião em geral enquanto saber. A seguir, Marcelo Perine apresenta “A pós-graduação em teologia/ciências da religião no Brasil: triênio 2004-2006”, no qual expõe um balanço da área frente aos órgãos de avaliação. Por último, em “A teologia na universidade: reflexões em torno de uma disciplina e seus desdobramentos”, Maria Angela Vilhena M. F. de Almeida apresenta um balanço do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP, abordando seus fundamentos e critérios, o trabalho realizado em ensino, pesquisa e extensão, e a presença da teologia nessa universidade como um todo.

Este volume é dedicado a um assunto extremamente atual e pertinente. Embora congregue textos bastante heterogêneos, tanto em termos de extensão quanto de foco principal, não se caracteriza como uma coletânea indiscriminada de textos desarticulados entre si. Pelo contrário, o volume tenta explicar as diferentes facetas de um problema – as relações entre ciência e teologia no meio aca-

dêmico – a partir de contribuições advindas de óticas diversas. O livro conta com textos de extremo valor, entre os quais se destacam especialmente os da primeira parte histórica e outros que tratam de temas atualíssimos. Iniciada com o texto de Nascimento, que aponta para as diferenças de visões sobre a ciência no próprio seio

dos pensadores cristãos medievais, e seguindo com temas altamente relevantes para a compreensão histórica das conflituosas relações entre ciência e teologia, a discussão apresentada pelo livro chega até os temas mais recentes e às expressões contemporâneas dos “tecno-gurus”, tratados por Eduardo Cruz.

Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo

Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Pesquisadora do Grupo de Pesquisa de Filosofia Medieval Latina e de Filosofia Medieval em Árabe da PUC-SP, onde realiza pós-doutorado.
Tem experiência na área de História da Filosofia e das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia Medieval Judaica e Islâmica, Metafísica e Mística.
E-mail: cavaleirodmacedo@uol.com.br

Endereço para correspondência
Pós-graduação em Filosofia da PUC-SP
Rua Monte Alegre, 984, Perdizes
CEP 05014-901 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 36708217

LIVROS

DIALOGOS NOTURNOS EM JERUSALÉM: SOBRE O RISCO DA FÉ¹

Cardeal Carlo M. Martini
Georg Sporschill

Carlo Maria Martini nasceu em Turim, em 1927. Ainda jovem, tornou-se jesuíta. Foi ordenado presbítero em 1952. Durante muitos anos viveu em Roma, trabalhando no Pontifício Instituto Bíblico, de que chegou a ser diretor. Foi bispo de Milão entre 1980 e 2002. Terminado o pastoreio na maior diocese do mundo, passou a residir na casa dos jesuítas em Jerusalém. Devido a seu estado de saúde, retornou à Itália.

O Cardeal Martini é considerado uma das figuras mais marcantes da Igreja contemporânea por causa do testemunho de vida, da firmeza na fé, da profundidade intelectual e espiritual no trato com a Sagrada Escritura, da coragem em suas tomadas de posição em relação ao futuro da Igreja. Para ele, as mudanças que ocorrem na Europa (e no mundo) não são causa de lamentos e sim uma chance para a Companhia de Jesus (e para toda a Igreja). Elas representam um momento de sair a campo, arriscar tudo e demonstrar coragem. Recordando um episódio do tempo de Inácio de Loyola, afirma Martini: “Se não chocamos ninguém, teria dito Inácio, deixamos de cumprir nossa missão” (p. 104). Isto vale não apenas para os jesuítas, mas para toda a Igreja. Dizia ainda Santo Inácio que passaria a se preocupar com sua Ordem quando ela deixasse de ser perseguida. O mesmo pode-se dizer em relação a toda a Igreja. Quando ela se acha na mais perfeita tranqüilidade, bem entrosada com os poderes e os poderosos deste mundo, causa preocupação. É bem provável que o evangelho esteja sendo traído em algumas de suas grandes exigências.

¹ “Realidades humanas e mistérios divinos andam sempre de mãos dadas na teologia de Tomás de Aquino (C. Josaphat, *Tomás de Aquino e a nova era do Espírito*, Loyola, São Paulo, 1998, 63). A mesma afirmação vale para o cardeal Martini em seus “diálogos noturnos”.

Georg Sporschill é também padre jesuíta e trabalha com meninos de rua na Romênia e na Moldávia. A convivência com o cardeal Martini em Jerusalém e os “diálogos noturnos” entre os dois levaram a este pequeno-grande livro, por meio do qual entramos em contato com um biblista de renome que, sem apelar diretamente para o saber exegético e teológico, acaba por revelar sua condição de ser humano, cristão, religioso e bispo, tudo isto fundamentado em uma profunda inteligência da fé.

Embora não seja uma obra de teologia ou de exegese bíblica, é imensa a riqueza contida nesse livro. Limito-me a destacar algumas questões, acrescentando uma ou outra observação pessoal, atrevendo-me a entrar na conversa, com o intuito de despertar o desejo da leitura integral do texto.

DEUS E EXPERIÊNCIA DE DEUS

Deus não é uma realidade evidente nem a pergunta filosófica por ele constitui o primeiro passo. No princípio se encontra a experiência iniciada quase sempre em casa e que se desdobra no decorrer da existência. “Meus pais me deram a fé em Deus como um presente. Minha mãe me ensinou a rezar” (p. 14). Depois foi a vez dos amigos, a entrada para os jesuítas, os Exercícios Espirituais, a proximidade com o apóstolo João, as tarefas e dificuldades da vida. “A vida me mostrou que Deus é bom, e que Ele prepara o caminho para cada um” (p. 14). Importante ainda na experiência de Deus é a “arte da atenção”. Jesus era atento ao contexto circundante e a partir dele criava parábolas que indicavam o que seja o reinado de Deus, onde ele começa a acontecer. No mundo de hoje, em meio a tantos descaminhos e desacertos, o reinado de Deus dá sinais de que está acontecendo em acontecimentos de maior evidência e na rotina diária comum a todos. A “arte da atenção” sob a guia da fé o percebe. Este é o caminho para escapar ao cinismo, ao desespero e prosseguir na esperança mesmo no “tempo sem sol” em que nos encontramos.

Embora pareça ter uma fé tranqüila, o cardeal Martini fez perguntas, queixou-se a Deus, sentiu-se impotente. “Então eu perguntava a Deus, como o fazem também os salmos: ‘Por que isso tem que ser assim?’ Aí, eu conseguia sentir que da dúvida pode surgir algo novo e mais profundo” (p. 16). Neste ponto, o cardeal Martini se põe na esteira de Tomás de Aquino, que não temia dúvidas nem questionamentos porque confiava na força da Verdade. No Doutor Angélico isso aparece em uma perspectiva mais teórica, ao passo que Mar-

tini se exprime em termos mais bíblicos e existenciais. Interessa, no entanto, o dado que une esses dois homens de fé: a coragem da interrogação, porque esse é o horizonte onde aparece o novo. Experiência de Deus não significa intervencionismo miraculoso, e sim atenção à discreta eficácia do Amor em ação na trama da existência humana. Realidades humanas e mistérios divinos andam sempre de mãos dadas².

Existe, no entanto, uma outra experiência: o silêncio de Deus, vivenciada por tanta gente, em toda parte. Podemos pensar em grandes tragédias como o extermínio dos judeus pelos nazistas e a expulsão dos palestinos de suas terras por Israel, ou nas obscuras tragédias do cotidiano: a mãe que nada pode fazer pelos filhos envolvidos com o tráfico de drogas, as crianças sozinhas em casa à noite, porque a mãe precisa ganhar a sobrevivência na prostituição, os animais maltratados... Por que Deus silencia diante de tanta dor? Para muitos, esse silêncio indica o vazio e o absurdo do real. Só resta a tentativa de criar um sentido ou mergulhar no não-sentido. Para o crente, a experiência do silêncio de Deus se assemelha ao protesto de Jó 3 e ao grito do Cristo na cruz (Mc 15,34). Não são expressões de desespero, mas de confiança. Uma confiança que persiste, não se deixa vencer e desemboca no compromisso com os que sofrem. “Por que Deus não fez com que meu marido adiantasse ou atrasasse a viagem em cinco minutos? Com isto, ele teria evitado o acidente fatal que o matou”, me perguntava uma amiga. “Não sei responder a sua pergunta, disse-lhe, mas apesar do que aconteceu confio em Deus e estou aqui a seu lado, compartilhando a sua dor”. Apesar de tanto absurdo, o sentido pervaga a criação, a história e dirá um dia a última palavra. Cabe aos crentes a missão de fazer com que essa última palavra comece a ser balbuciada a partir de agora.

O CRISTÃO DIANTE DO MAL E DO SOFRIMENTO

“Se olho o mal no mundo, perco o fôlego. Entendo as pessoas que chegam à conclusão de que não há Deus” (p. 17). A partir do silêncio de Deus pode-se por a pergunta: por que o mal? Donde ele provém? “Nenhuma pessoa pode responder a pergunta pela origem do mal” (p. 18). As indagações da filosofia não conseguem avançar muito. A Sagrada Escritura também não oferece uma resposta, mas justapõe duas afirmações: a responsabilidade do homem por seu fechamento ao apelo de Deus e a realização final do plano de Deus, não

² Cf. Êxodo 7,3 em: *Bíblia Tradução Ecumênica*, Loyola, São Paulo, 1994, nota 1, 108